

GRÁTIS: 48
DISTINTIVOS
NA SUPERTABELA
CARIOCA

PLACAR



Corinthians 2 x XV
de Piracicaba 1

E O MILAGRE CONTINUA



DUPLA FLA-FLU JOGA TUDO



PERFIL: PITA, NOVO LÍDER DO SÃO PAULO

N.º 894
20/JULHO/1987
Cz\$ 45,00



ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PAPA, PARAIBA, PERNAMBUCO, PIAUI, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE: Cz\$ 55,00 - 0563

CARO LEITOR



JORGE BUTSUEM/ESTÚDIO ABRIL

Marcelo Laguna, com Pita: velho desejo

O paulistano Marcelo Laguna, 23 anos, lia e colecionava PLACAR quando ainda nem sonhava ser repórter — muito menos trabalhar em sua revista favorita. Mas hoje ele está aqui. É, atualmente, o responsável pelas reportagens sobre o São Paulo, seu time de coração. Nesta edição, por exemplo, a partir da página 30, Laguna traça o perfil de Pita.

A propósito, há sempre quem pergunte se jornalistas esportivos podem torcer para algum clube. Podem, sem dúvida. E talvez até devam. Afinal, se não gostassem de futebol — e quem gosta é antes de tudo um torcedor —, teriam de escrever sobre outros assuntos. O jornalista esportivo só não pode perder a isenção.

Carlos Maranhão

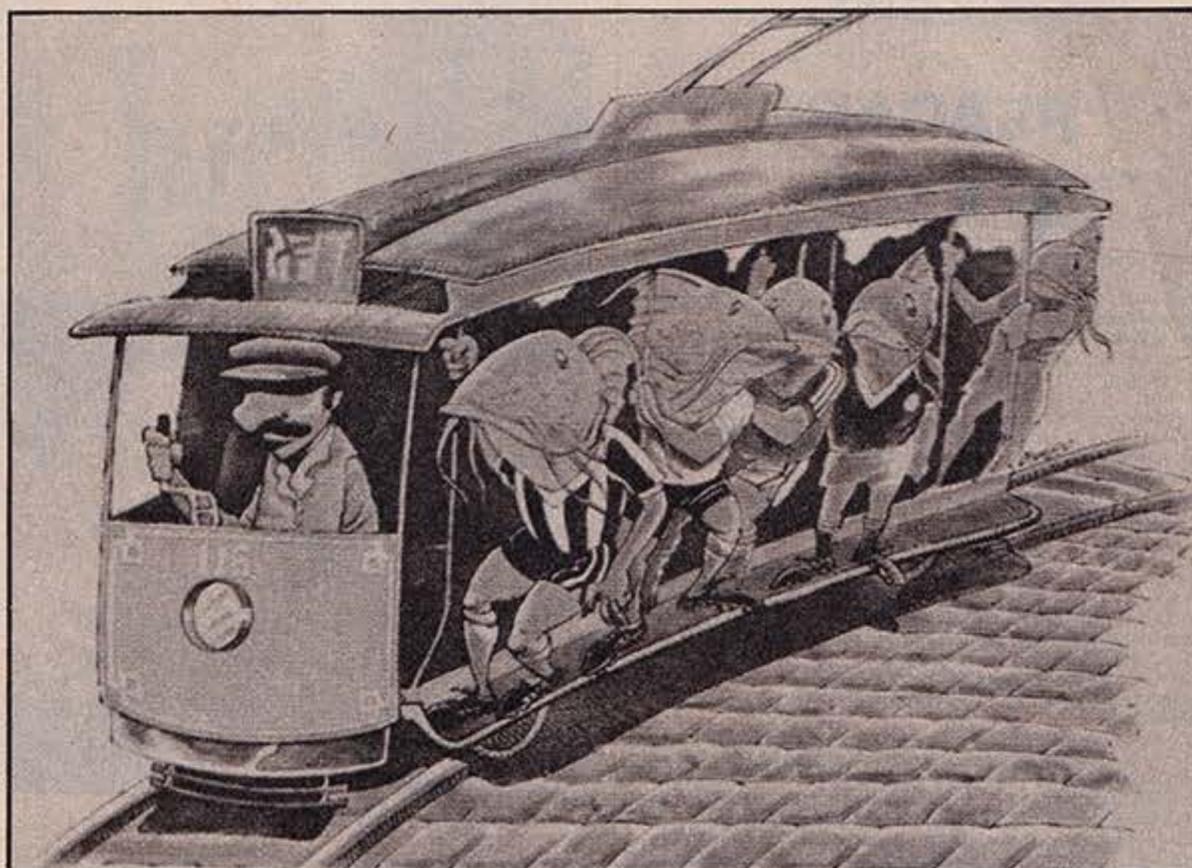


ILUSTRAÇÃO OSVALDO

Deliciosas histórias de cabeças-de-bagre e bondes do nosso futebol

50



NICO ESTEVES

Regionais, como o Gaúcho, na reta final

22



CARLOS FENERICH

O sucesso de Candinho

47

SUMÁRIO

Cartas	4
Esporte Total	6
De Primeira	9
A Semana	10
Entrevista	15
Campeonato Paulista	18
Campeonato Paranaense	23
Juca Kfourri	25
A dupla Fla-Flu joga tudo	26

Perfil: Pita, líder do São Paulo	30
Gilmar, o domador do Bangu	35
Ademir: final feliz no Cruzeiro	36
Marcos Roberto, a arma do Timão	38
Inter: Amarildo segue a tradição	42
No Rio, apareceu o Margarida	44
Onde anda... Rondinelli	46
Loteria Esportiva	54
Tabelão	56
Humor: mocinhos x vilões	66
E mais: tabela do terceiro turno carioca e poster nostalgia do Atlético-MG/1971	



NELSON COELHO

Batarelli: os golpes do full contact

CAMPEÃO DA MISTURA

Pense numa mistura de caratê, kung-fu, taekendô e boxe. Eis aí, em síntese, o full contact, a mais completa arte marcial na opinião de seus praticantes. O pioneiro no Brasil é o paulista Sérgio Batarelli, 27 anos, que no final do mês passado conquistou o título sul-americano na categoria pesado (acima de 91 kg). Ele estraçalhou o argentino Carlos Ayet em apenas 30 segundos de combate.

O amor de Batarelli pelo esporte começou ainda na infância, quando ele se deliciava com os desenhos do *Samurai Kid* e os filmes de Bruce Lee. Assim, Batarelli aprendeu a essência do full contact: poucos golpes, muita eficiência e autocontrole para não sair distribuindo socos desnecessários. Os golpes devem ser desferidos sempre acima da cintura. Só não é permitido o uso dos joelhos e cotovelos. De qualquer forma, ele não considera o full contact uma luta agressiva. "A vida em si é violenta", afirma. "O esporte, não."

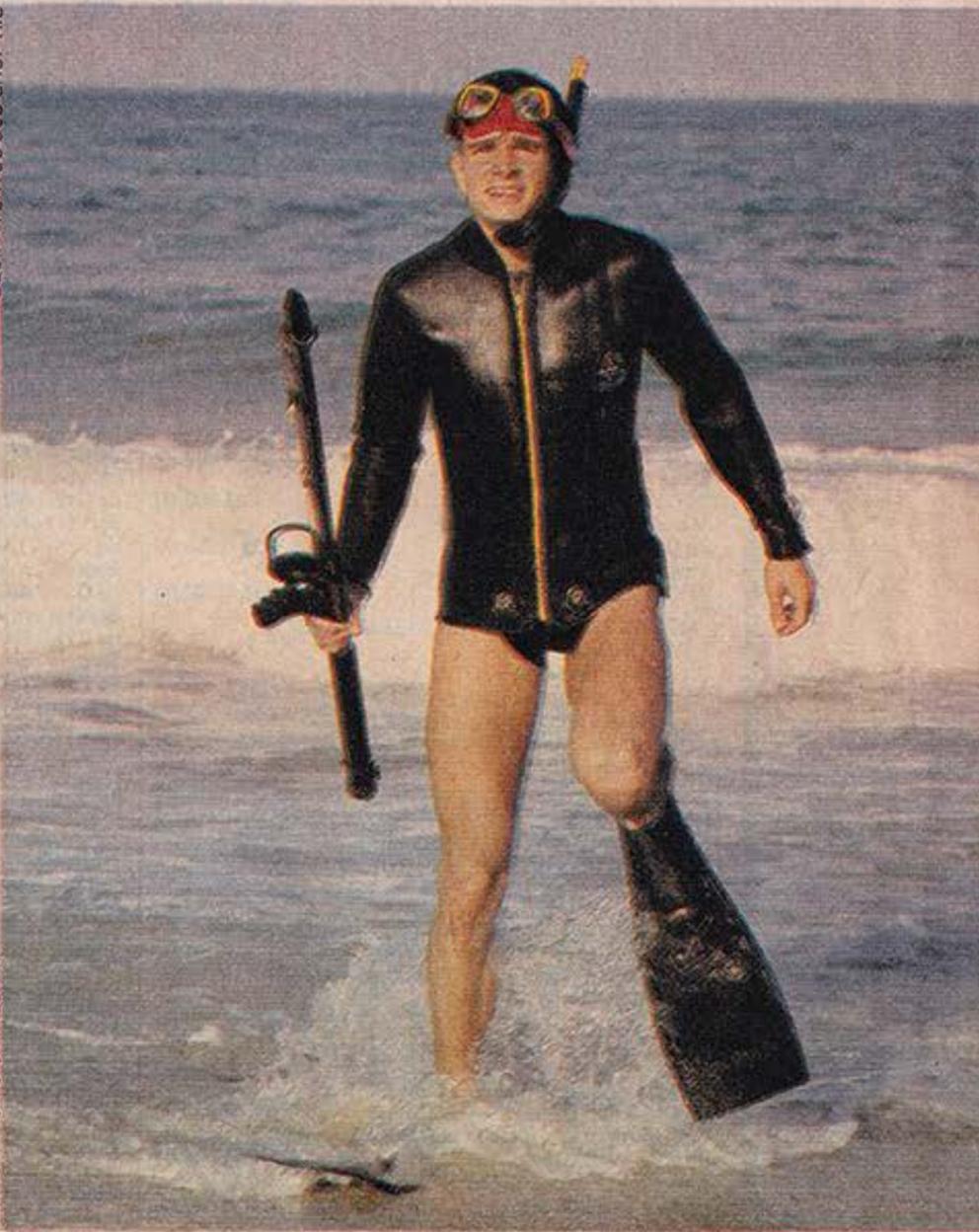
VÔLEI NO MAR

Um dos saques que ficaram mais conhecidos no vôlei brasileiro é o "Viagem ao Fundo do Mar". Pois o levantador Hélder faz isso muito bem até fora das quadras. Explica-se: ele é fanático por caça submarina. No mês passado, por exemplo, durante uma excursão de seu Minas Tênis Clube pela França, Hélder gastou mais de 2 000 dólares em equipamentos. Comprou arpão, tubo de oxigênio, pé-de-pato, roupa de mergulho, máscara, colete de segurança e uma sofisticada câmara fotográfica Nikonos, que opera até a 45 m embaixo d'água.

Hélder foi a grande surpresa do técnico coreano Young Wan Sohn na convocação da Seleção Brasileira que disputará os Jogos Pan-Americanos em Indianápolis. Para tanto ele barrou o veterano capitão William. Em setembro, quando estiver de volta, Hélder quer matricular-se num curso para aprimorar as técnicas do mergulho e conhecer mais de perto as belezas do fundo do mar.

EQUIPAMENTOS SUB SHOP RIO

MARCO ANTONIO CAVALCANTI



O levantador Hélder: fanático por caça submarina

GRIFTE DO ZAGUEIRÃO

O zagueirão Oscar, 33 anos, assinou um contrato com o Nissan, time do Japão, por dezoito meses. Durante esse período, o aluguel de seu passe será pago pela fábrica de carros Toyota. Todo

o dinheiro que irá receber tem um caminho certo: Oscar pretende aplicá-lo em seu novo investimento, uma griffe de roupas esportivas.

O lançamento deverá acontecer em setembro, coincidindo com sua despedida do Brasil. Para isso, Oscar já escolheu o logotipo, criado por estagiários das Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM) em São Paulo. "O próximo passo será a fabricação", planeja o jogador. Aí entrará na parada um amigo de Monte Sião (MG), sua terra natal, dono de uma confecção.



Oscar: o logotipo do novo negócio foi criado por estudantes

SERGIO BEREZOVSKY

Em Campinas, uma chuva de dinheiro no banco do tricolor

Corinthians continue com 100% de aproveitamento contra 70% dos inimigos mais diretos, nossa classificação estará garantida”, calcula — e reza — o preparador físico Ângelo Maccariello Neto.

Não basta, portanto, acompanhar os jogos de seu time. Os corinthianos continuam também torcendo pelos tropeços alheios. Assim, todos já comemoravam a vitória da Ponte Preta, quando o lateral-direito Zé Teodoro conseguiu empatar para o São Paulo aos 46 minutos do segundo tempo. “Às vezes, um pouquinho de sorte não faz mal a ninguém”, brincava o goleiro Gilmar. Segundo o meia Pita (*veja a reportagem na página 30*), o empate serviu para levantar o moral do grupo. “Quando o gol sai no último minuto, melhor ainda”, comemorava.

FAIXAS DE PROTESTO — O autor da proeza, Zé Teodoro, não escondia sua satisfação. Depois de receber um passe de Silas, entrou pela direita, venceu um zagueiro e chutou cruzado. “O mais importante é que levamos um ponto para casa”, afirmou. “No segundo tempo, avancei bastante, pois nosso ataque estava bem marcado.”

Os jogadores da Ponte Preta estavam desconsolados. Com o empate, a equipe subiu para a 16.ª colocação, agora com 25 pontos, melhorando em pouca coisa sua incômoda situação. Mesmo assim, o perigo continua rondando o Estádio Moisés Lucarelli. “Bobemos no final”, lamentava o ponta-esquerda Jefferson, que marcou o gol alvinegro. “A partida já estava todinha em nossas mãos.”

Se os dois times tiveram de se contentar com o bicho pela metade, o técnico Cilinho poderia ter saído de Campinas com uma nota preta.



Pita, feliz com o empate: o 1 x 1 no último minuto ajudou a levantar o moral



Moedas arremessadas em Cilinho: a torcida chamou o treinador de “mercenário”

Magoados com sua transferência para o São Paulo, em maio passado, deixando a equipe numa situação delicada, os ponte-pretanos arremessaram várias moedas em direção

ao banco tricolor. Chamaram Cilinho de “mercenário”, entre tantos outros adjetivos nada polidos. Estenderam ainda muitas faixas de protesto — “Cilinho na Ponte, nunca mais!” ou “Ponte é raça, Cilinho é desgraça”. “Foi uma demonstração de afeto”, julgava Cilinho. “É prova de que eles me queriam aqui até hoje.”

Não foi só o São Paulo que conseguiu um golzinho no final. A Inter se safou de um empate contra o lanterna Bandeirante aos 42 do segundo tempo. Está agora com 39 pontos, dois a menos que o líder Santos — excursionando pela Europa. O Botafogo salvou-se, igualmente, com um gol de Marcos Toloco aos 37 da etapa final e venceu o Guarani. Um empate de 0 x 0 contra o América, em São José do Rio Preto, sustentou o terceiro lugar do Palmeiras. Dos líderes, apenas o Noroeste perdeu. A Portuguesa aplicou sonoros 3 x 0, em Bauru, e voltou a entrar no páreo.

Marcelo Laguna e Ubiratan Brasil

A FIEL CRESCE

Acompanhe o aumento de público nos jogos do Corinthians. Só estão computadas as partidas realizadas na capital, sem contar os clássicos.

Adversário	Público	Resultado
Novorizontino (2/4)	8 694	2 x 0
Juventus (9/4)	11 265	0 x 2
São Bento (15/4)	8 991	0 x 1
Bandeirante (29/4)	12 306	4 x 2
Santo André (7/5)	13 739	1 x 3
Inter (13/5)	12 484	1 x 0
XV de Jaú (21/5)	2 778	2 x 2
Ponte Preta (27/5)	5 504	3 x 0
Noroeste (17/6)	8 908	3 x 2
América (25/6)	15 262	3 x 1
Ferroviária (1.º/7)	20 491	2 x 0
Juventus (4/7)	31 920	2 x 1
XV de Pirac. (12/7)	38 785	2 x 1

PITA, O NOVO LÍDER TRICOLOR

Após a venda de Careca, o meia do São Paulo passa a comandar a equipe com a mesma humildade de sempre

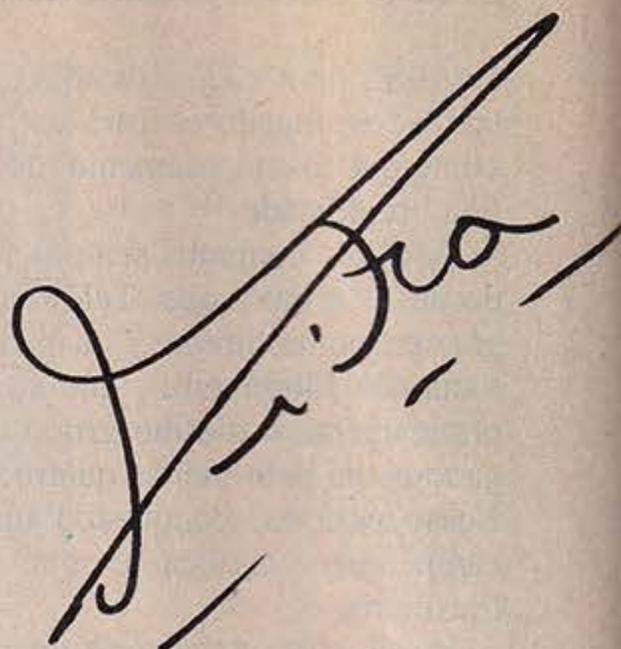
À primeira vista, ele parece o mesmo jogador de nove anos atrás, quando surgiu no Santos. Continua vestindo-se discretamente, cumprimenta todos os funcionários do Morumbi e dá atenção para os pequenos fãs. Seu futebol mantém o brilho de sempre. O rosto guarda certos traços juvenis. Mesmo assim, Pita está diferente. Depois da venda de Careca, o meia-esquerda do São Paulo percebeu que não havia mais lugar para timidez. "Estou vivendo a melhor fase de minha carreira", acredita.

Prestes a completar 29 anos no próximo dia 4 de agosto, dono de três Bolas de Prata de PLACAR — 1982, 1983 e 1986 —, descobriu que era hora de ocupar definitivamente seu posto de líder na equipe. "Apenas procuro acalmar a garotada durante o jogo", despista ele, sempre extremamente modesto. "Pita é um dos últimos talentos do futebol brasileiro", proclama o preparador físico Bebeto. "Hoje em dia, ele é um dos poucos craques

que decidem um jogo sozinho", faz coro o volante Bernardo.

Pura verdade. Na mente dos torcedores ainda está fresca a imagem do gol marcado contra o Botafogo, há dois domingos — o sexto neste Paulistão. Zarpando desde o meio do campo, com sua perna esquerda encantada driblou metade dos defensores ribeirão-pretanos e tocou para o fundo do filó, garantindo a vitória de 3 x 2. De imediato, a torcida passou a gritar seu nome. "Senti uma emoção muito grande", afirma.

IMENSO CÃO FILA — Depois do jogo, Pita vestiu-se rápido e arrancou para seu confortável sobrado com três suítes no bairro do Morumbi, a cerca de 10 minutos do estádio. Estacionou o Monza prateado, atravessou o imenso quintal e alisou a cabeça de "Tuffão", um imenso e assustador cão fila. Ao entrar, largou a sacola em cima da mesa da sala e beijou a mulher Margareth. Os dois se conheceram em Santos, no Car-▷

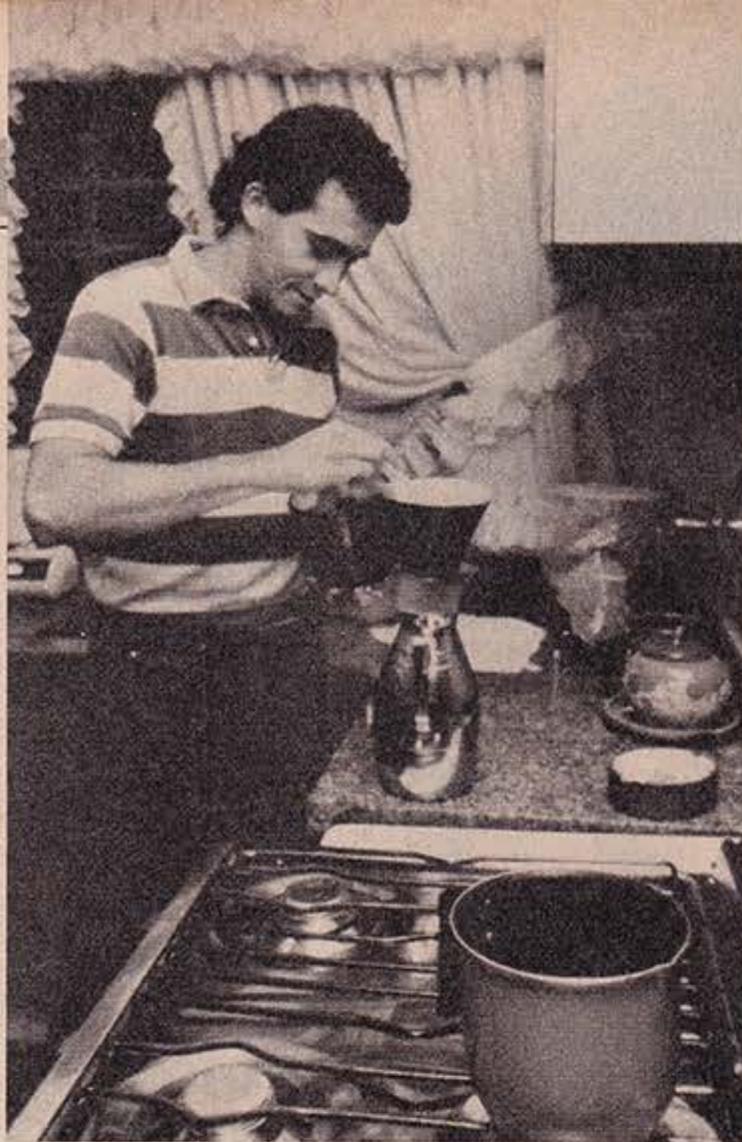




Na infância, era vendedor de siris na beira da estrada

naval de 1978. Durante um desfile de escolas de samba, Pita se aproximou e, acanhado, pediu algumas pipocas, que ela comia.

O filho Guilherme, de 1 ano e seis meses, veio correndo em sua direção e também ganhou um beijo. Bárbara, a filha de 4 anos, já estava dormindo. Na sala, Pita contou alguns lances da partida, que Margareth já havia escutado inteirinha pelo rádio. O craque, então, foi para a cozinha e preparou café, uma de suas duas únicas especialidades — a



Fazendo café: uma de suas especialidades

outra é fritar ovo. Antes de sair para um churrasco na casa de um amigo, Pita certificou-se de que a televisão estaria ligada por lá para que pudesse assistir ao lindo gol que marcou.

No íntimo, Eivaldo de Oliveira Chaves, apelidado de Pita pela mãe — que queria que o filho se chamasse Eptácio —, nunca imaginou que o futebol lhe poderia dar tantas alegrias. Nascido em Nilópolis, na Baixada Fluminense, mudou-se para Cubatão, litoral paulista, com apenas 2 anos. Além de jogar bola e estudar, ganhava alguns trocados

vendendo siris na beira da Via Anchieta. “Depois que o freguês pagava, eu me oferecia para colocar o bicho no porta-malas”, diverte-se. “Mas eu só fingia que colocava.” Voltava, assim, todo pimpão para casa, com o dinheiro no bolso e o siri na mão.

CLUBE DO CORAÇÃO — A, digamos, pouco honesta carreira de vendedor, no entanto, durou até os 13 anos. Convidado a disputar o campeonato de futebol de praia pelo time do Casqueiro, bairro pobre em que morava, chamou a atenção do pessoal da Portuguesa santista. Dois anos mais tarde, o técnico Olavo levou Pita para o Santos, até hoje seu clube do coração. “A partir daí, até meu pai começou a me incentivar”, lembra. Antes disso, “seu” João Albuquerque, um ex-volante do Náutico, não levava fé no futebol do garoto.

Em 1977, o Santos formou uma vigorosa equipe juvenil, na qual despontavam estrelas como Juary (hoje no Porto), Célio (Portuguesa), Rubens Feijão (Ferroviária) e o próprio Pita. Por isso o treinador Ramos Delgado não hesitou em chamá-lo para o time titular, que ia fazer uma excursão à Argentina. “Le-

A FICHA COMPLETA DO ÍDOLO

Nome: Eivaldo de Oliveira Chaves

Data de nascimento: 04/08/1958

Local: Nilópolis (RJ)

Peso: 75 kg

Altura: 1,74 m

Chuteira: 41

Clube e ídolo: Santos e Edu (ponta-esquerda)

Perfume: Pacco Rabane

Pasta de dente: Sem preferência

Sabonete: Sem preferência

Xampu: Sem preferência

Traje preferido: Esporte, jeans

Comida: Feijoada

Bebida: Chope e vinho branco

Sobremesa: Cocadinha, quindim e salada de frutas

Restaurante: Churrascaria Pampa e Dinho's Place (São Paulo)

Carro: Monza

Hobby: Chegar em casa e brincar com os filhos

Filme: Comédias

Teatro: Não freqüenta

Literatura: Sem preferência

Música: Romântica, samba e pagode

Cantor: Tim Maia

Cantora: Rita Lee

Programa de TV: Chico Anysio Show

Ator: Tarcísio Meira

Atriz: Nathália do Vale

Comediante: Chico Anysio

Modelo mais bonita: Luíza Brunet

Animal de estimação: Fila "Tuffão" e poodle "Rock"

Programa esportivo: Globo Esporte e Mesa-Redonda Futebol Debate (TV Gazeta - SP)

Melhor narrador: Osmar Santos

Melhor comentarista: Sem preferência

Jogo inesquecível: Santos 1 x

Corinthians 1, Campeonato Paulista de 1978

Gol inesquecível: Contra o

Corinthians, neste mesmo jogo. "Foi minha afirmação no Santos"

Melhor juiz: Dulcídio Wanderley

Boschilia e Roberto Nunes Morgado

Pior juiz: prefere não comentar

Melhores técnicos: Formiga e Pepe

Melhor gramado: Castelão (Fortaleza)

Melhor amigo no futebol: Vários

Melhor investimento: Imóveis

Se não fosse jogador, o que gostaria de ser: Cantor, "como Tim Maia"

Endereço para correspondência:
São Paulo Futebol Clube

Praça Roberto Gomes Pedrosa, s/n.º, Morumbi
CEP 05653, São Paulo, SP



EDU GARCIA

SERGIO BEREZOVSKY



...Pita, que agora fala mais e é até capaz de revidar

Cenas comuns: sempre dois adversários ficam atrás de...



LEVI MENDES JR

CARLOS FENERICH



vei um susto enorme, pois não esperava uma chance tão cedo", diz.

Já no ano seguinte, boa parte do grupo também acabou promovida. Era a época dos "Meninos da Vila", dirigidos pelo técnico Formiga. Tímido, Pita detestava dar entrevistas. Falava pouquíssimo em campo. Era extremamente fechadão. Diante de tanto silêncio, Margareth

era obrigada a comprar os jornais do dia seguinte para saber de mais detalhes da atuação do à época namorado. "Sempre fui desse jeito", desconversa.

Quietinho, conquistou naquele ano seu primeiro título. "Ninguém acreditava num bando de garotos, mas o time era muito unido e bom de bola", orgulha-se o jogador. Depois

disso, participou de dois importantes vice-campeonatos — o paulista de 1980 e o brasileiro de 1983. De qualquer modo, pairava ainda sobre ele o estigma de apático e frio. "Tudo começou quando fui convocado para a Seleção Brasileira", recorda. Com Telê Santana, disputou o Mundialito do Uruguai e as eliminatórias da Copa da Espanha, ambos em 1981. ▽



NELSON COELHO

Com Margareth, Guilherme e Bárbara: a família foi fundamental para o amadurecimento do craque são-paulino em campo

Ao chegar em São Paulo, nem dormia de medo dos assaltos

Dois anos mais tarde, Carlos Alberto Parreira chamou-o para uma excursão à Europa. No total, foram cinco partidas. “Quase não tive oportunidade e disseram que eu não possuía espírito de Seleção. Como eu poderia disputar a vaga com Zico, Sócrates e Falcão?”

Em julho de 1984, aconteceu a grande reviravolta de sua carreira. Trocou a paz e o sossego de Santos pela agitação e a neurose de São Paulo, numa negociação envolvendo os tricolores Zé Sérgio e Humberto. Durante um bom tempo, po-

rém, morria de medo de um possível assalto. “Não conseguia dormir”, segreda. Por isso comprou o cachorro “Tuffão”, uma garantia de segurança.

A GRANDE METAMORFOSE — Logo em sua estréia, Pita caiu nas graças da torcida, marcando três gols contra a Ferroviária. Melhor que isso, na opinião dos são-paulinos, foi o primeiro clássico contra seu ex-time. Ele abriu o caminho para a goleada de 4 x 1. “Só fiquei chateado de ver a torcida do Santos triste”, explica. “Mas sou um profissional.”

A mudança de imagem só começou a acontecer em 1985. Foi uma verdadeira metamorfose. Pressionado pela diretoria, o técnico Cilinho escalou a megastrela Falcão em

seu lugar. “Não concordei, pois atravessava uma ótima fase”, defende-se. “Falaram até que eu não era jogador de decisão.” Para provar o contrário, Pita ajudou o time a levantar o Campeonato Paulista de 1985 e a Copa Brasil do ano passado. A partir desse momento, as entrevistas eram mais demoradas e ele se sentia totalmente à vontade. Em campo, passou a falar e revidar as entradas mais violentas. “Acho que amadureci”, desconfia.

O crescimento dos filhos foi um dos fatores para a mudança de comportamento. “E em dezembro chega mais um”, informa, alisando a barriga de Margareth, grávida de quatro meses. Depois sorri timidamente. É o mesmo Pita de sempre.

Marcelo Laguna

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ